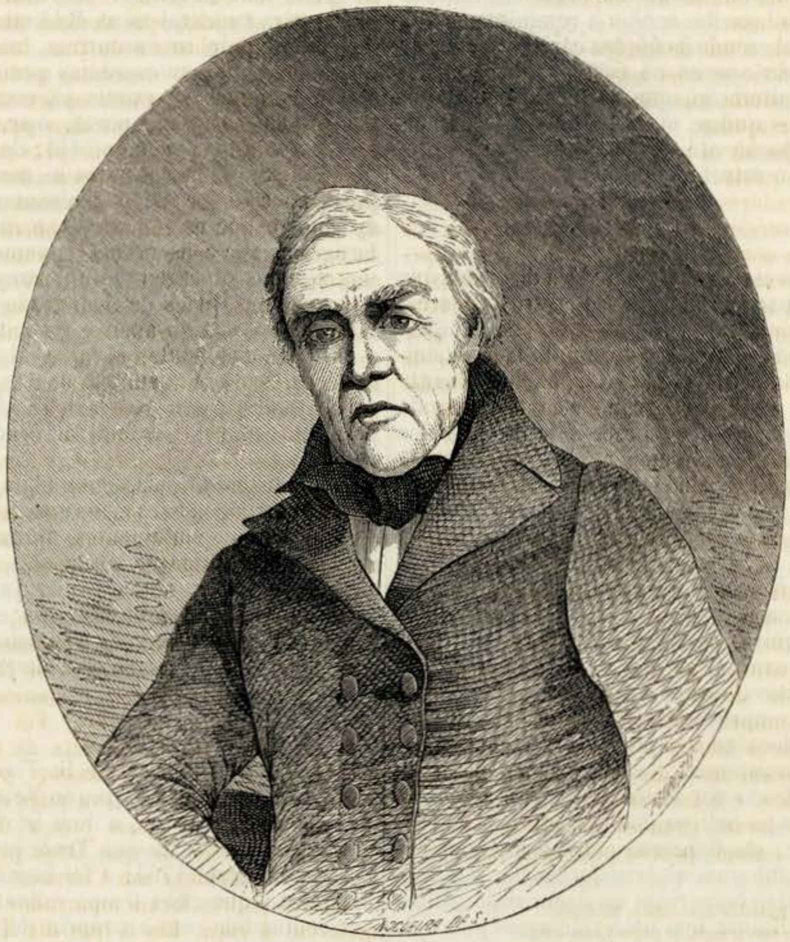


Francisco Joaquim Bingre (Francelio Vouguense) — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

«Bom poeta e judicioso homem, que não sei se ainda vive, no qual a capacidade natural suppria todos os estudos.»

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Considerações mansas*, pag. 18.

I

A empreza do *Archivo Pittoresco*, solicita, como se mostrára desde o seu começo, em mesclar o util com o agradavel na commemoração de tudo o que possa interessar ao lustre e gloria do nome portuguez, prosegue cada dia mais desassombrada no desempenho de tão assisado proposito. A proporção que vê coroado o seu zelo pela acceitação e applauso, sempre crescentes, do publico illustrado, cobra novos incentivos, sente aviventarem-se-lhe os brios, e continúa fervorosa e incansavel em superar obstaculos, redobrando fadigas e sacrificios para enriquecer suas paginas com as recordações, por qualquer titulo, honrosas e importantes para a nossa historia politica, litteraria e artistica dos tempos que passaram. Nem são escassos em numero, nem inferiores em qualidade os documentos que o comprovam, espargidos a flux por essas formosas paginas nos tres tomos concluidos, e na parte já publicada do quarto. Mais avultariam comtudo, se em algumas o espaço que bem podéra applicar-se a especies de maior proveito, se não achára obstruido com os toscos e desenxabidos ensaios, que uma animadora benevolencia tem querido exigir por vezes de nossa mal aparada penna!

Em transumpto reproduzido habilmente pelo buril do artista, o *Archivo* expõe hoje por primeira vez á consideração dos seus leitores a face ainda expressiva e sympathica, posto que já enrugada pelos annos, de um nosso estimavel e amenissimo poeta, cujo nome lhes não será, crêmos, desconhecido: do ancião venerando, a quem na mocidade os contemporaneos cognominaram com a significativa denominação de *Cysne do Vouga;* alumno distincto, e ultimo representante entre nós da outr'ora florente eschola arcadico-bocagiana; d'aquelle, em fim, que um destino providencial reservára para ver sumirem-se ante si na voragem dos tempos os despojos de tres gerações successivas, até que o sopro da morte veiu tambem apagar-lhe de todo a luz da vida caduca, abrindo-lhe as portas para o repouso eterno a 26 de março de 1856, quando proximo a completar noventa e tres annos de cançada peregrinação sobre a terra.

Dois retratos de Bingre existem, que nos conste, em mão de particulares, que os conservam em grande apreço, como recordações saudosas do finado. Possue um d'elles o sr. dr. Francisco Antonio de Resende, outro o sr. Calixto Luiz de Abreu, da villa d'Eixo, que á qualidade de amigo pessoal do poeta reune a de ser um dos seus mais enthusiasticos admiradores. Do primeiro, facilitado generosamente á

empreza por graça do illustre proprietario, é copia mui fiel a gravura que hoje se offerece ao publico. Podêmos affirmar com aprazimento, que mostrada ainda nas primeiras provas a pessoa que convivêra em intimo trato com o poeta ha mais de quarenta annos, sem que nem ao menos lhe déssemos indicios de cuja era, para logo lhe acudiu a reminiscencia ao observal-a, reconhecendo as feições caracteristicas de Bingre, e notando apenas no composto da physionomia tal qual alteração, que de força devêra produzir o lapso dos quinze ou vinte annos decorridos desde aquella epocha até ao tempo em que se presume ser tirado o retrato.

II

Prometteramos escrever a biographia do poeta, que nos foi pedida para acompanhar o retrato; porém apertado agora pela satisfação da promessa, confessâmos que de todo nos falta a tranquillidade de animo, e a folga indispensavel para dar, mediocremente que seja, conta do encargo commettido. Vergando sob o peso de soffrimentos moraes e de incommodos physicos, mal podémos desempenhal-o, não já como desejaramos, mas nem ainda como a nossa deficiencia o consentiria, em circunstancias menos desvantajosas.

Accresce que, pela natureza do subjeito, a narrativa tem de ser necessariamente algum tanto monotona. Passando na provincia mais da metade da sua longuissima carreira, em uma pequena villa a quarenta legoas da capital, se não de todo concentrado no retiro doméstico, circunscripto ao exercicio das funcções de um emprego subalterno de justiça, e ao trato familiar de alguns amigos; arrastando d'ahi em diante uma existencia, mais ou menos angustiada e dolorosa, tendo por unica distracção e consolo em seus pezares o cultivo das musas; sem que jámais interviesse, ou figurasse activamente nas luctas que acompanharam as transformações politicas e sociaes do paiz, occorridas no decurso do ultimo meio seculo; — Bingre tem uma vida assás pobre de incidentes, de aventuras, de peripecias variadas, que possam excitar a curiosidade dos leitores ávidos de sensações, ou fornecer assumpto á penna do biographo.

O proprio poeta como que nos deixou resumidamente esboçada a sua historia, no soneto que em seguida transcreveremos. Parto de uma musa octogenaria, fructo do estro já amortecido, não ousaremos propol-o aos principiantes por modelo no seu genero, nem quizeramos que os entendidos aferissem por elle as posses poeticas do auctor. Julgamol-o comtudo digno de attenção como documento, em vista das particularidades que encerra; e é sob esse aspecto e n'esse sentido que o apresentâmos.

Na aldeia de Canellas fui gerado,
E n'ella tambem tive o nascimento;
Na corte de Lisboa, a meu contento,
Longo tempo vivi afortunado:

Por genio natural ás musas dado,
N'uma Arcadia de um sabio ajuntamento,
Cultivei na poesia o meu talento,
E por *Cysne do Vouga* fui cantado:

A Fortuna, que ás cegas sempre gira,
Dando-me um encontrão d'aquella altura,
Nos vergeis me lançou da areenta Mira:

Aqui sem fausto algum, e sem ventura,
Quarenta annos pulsei eu inda a lyra,
E aqui me abriu a morte a sepultura.

No tomo II do nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, impresso em 1859, de pag. 396 a 399 démos uma noticia biographica de Bingre, extrahida de alguns documentos e informações que a seu respeito possuiamos, e com quanto breve, talvez menos succinta do que o comportava a indole da obra. Como a tenuidade dos nossos recursos não nos permitte possuir todas as folhas periodicas que se imprimem no paiz, fallecendo-nos por outra parte tempo e meios para procural-as na Bibliotheca Nacional, onde nem sempre se encontram, não é de estranhar que ainda então ignorassemos que outra noticia mais ampla e minuciosa existia já, escripta e publicada pelo citado amigo do poeta, o sr. C. L. de Abreu, no *Campeão do Vouga*, n. 451, de 10 de septembro de 1856. Só ha poucos dias se nos facilitou de emprestimo esse jornal; e confrontando o que ahi se diz com o que escreveramos, e com o resto das informações que conservâmos, tivemos occasião de notar algumas divergencias e discrepancias de pequena monta, as quaes de bom grado trataremos de rectificar, levados do amor e respeito que tributâmos á verdade, nos pontos em que julgâmos haver caido em erro. Não assim em todos; que alguns ha em que se nos afigura que as asserções do illustre biographo não estão de perfeito accôrdo com a exacção dos factos.

Reproduzindo, pois, com algumas alterações de fórma, corrigidos em parte, e mais ampliados os nossos primeiros apontamentos, apraz-nos confessar como divida a obrigação contrahida para com o benemerito auctor da noticia, pelo que do seu trabalho aproveitâmos. Só sentimos que ella não viesse ao nosso conhecimento, mais a tempo de evitar as faltas em que involuntariamente incorremos.

III

No logar e freguezia de S. Thomé de Canellas [1], situado na margem direita do Vouga, entre as villas de Angeja e Estarreja, a duas legoas de distancia da cidade de Aveiro, nasceu Francisco Joaquim Bingre a 9 de Julho de 1763; e foi baptisado a 17 do dito mez, data que pelo tempo adiante elle parece haver confundido com a propria do nascimento [2], nas composições com que costumava solemnisar o seu anniversario. Teve por paes Manuel Fernandes (a quem alguns, não sabemos se com razão, acrescentam o appellido «Dias») natural do mesmo logar de Canellas, e D. Anna Maria Clara Hybingre [3], nascida em Vienna d'Austria. O pae d'esta senhora, por nome Gaspar Hybingre, foi, segundo se affirma, um valoroso official, que muito se distinguíra, pelejando nas guerras do imperio, sendo capitão de um regimento de hussares no reinado da imperatriz Maria Theresa. Como estivesse já viuvo, tendo de partir para uma campanha, onde desgraçadamente veiu a perecer, deixára sua filha unica, então de tenra edade, em um convento de Vienna.

Reduzida á orphandade, talvez desamparada, ou falta de parentes que por ella se desvelassem, a menina teve de abandonar a patria; saiu do convento, e veiu

[1] Não menos de doze diversas povoações com esta denominação nos apresenta o *Diccionario Geographico* do P. Cardoso, no tomo II pag. 415 a 419, espalhadas nas provincias do Douro, Beira-alta, e Traz-os-montes.

[2] Em confirmação do que levâmos dito, aqui damos por copia o assento do baptismo, que parece documento irrecusavel.

«Aos dezesete dias do mez de julho de mil setecentos sessenta e tres, baptisei a Francisco Joaquim, filho legitimo de Manuel Fernandes, e de Anna Maria Hybingre, da Pedregosa, d'esta freguezia de S. Thomé de Canellas, bispado de Coimbra: neto paterno de Manuel Fernandes, e de sua mulher Joanna Dias, d'esta freguezia de Canellas, e materno do capitão Gaspar Hybingre, e de Maria Catharina Hybingre, da cidade de Vienna d'Austria. Nasceu aos nove do dito mez e anno. Foram padrinhos Francisco da Silva Martins, e Maria, donzella, filha de Manuel João de Figueiredo, da mesma freguezia: e testimunhas o M. R. P. Antonio da Trindade, e Domingos Dias Henriques: do que tudo fiz este assento, que assignei. Era ut supra. — O cura, José dos Santos Barbosa Carrancho. — P. Antonio da Trindade. — Domingos Dias Henriques.»

[3] Provavelmente em obsequio á euphonia, da qual foi grandemente affeiçoado, e pela figura apherese, o poeta mudou este appellido no de Bingre, que para si adoptou.

para Lisboa buscar protecção e abrigo em uma tia materna, que era, ou fôra, dama ou criada do paço da rainha D. Maria Anna de Austria, esposa del-rei D. João v. Em casa d'esta, e de seu marido Philippe Ballestri se conservou D. Anna Maria por alguns annos, tratada e educada como filha, e com a perspectiva de ficar unica herdeira, pois que os dois conjuges não haviam tido fructo do seu matrimonio.

As esperanças eram risonhas e bem fundadas; mas a Providencia, que tantas vezes se apraz de anniquilar os projectos humanos, havia-o decretado de outra sorte. O memoravel terremoto do 1.º de novembro de 1755, que destruiu Lisboa, sepultou nas suas ruinas os esposos Ballestri, e com elles a sua casa e fortuna, ficando a infeliz sobrinha destituida de todo o soccorro e sem meios de subsistencia.

Foi n'esta deploravel situação que Manuel Fernandes, criado que fôra de seus tios (ao que nos affirmaram) se apressou a enxugar as lagrimas da abandonada orphã, persuadindo-a com boas razões a que o acompanhasse para Canellas sua patria; e para alli partiram effectivamente, sob promessa de casamento, a qual veiu depois a realisar-se. D'esta união foi unico fructo o nosso poeta.

Possuia Manuel Fernandes alguns bens ruraes, herdados talvez em parte de seus maiores; e que elle provavelmente augmentára com o resultado de suas economias. Cultivava-os por conta propria; porém as colheitas eram tão escassas, que mal lhe forneciam com que sustentar-se parcamente, e a sua mulher e filho. Eis porque ao fim de alguns annos tomou a deliberação de transportar-se com a familia para a côrte, em busca de melhor fortuna.

(Continúa) I. F. DA SILVA.

---

## A FILHA DO MAR

### (CONTO VALENCIANO)

I

Certa manhã do mez de maio, assomava apenas o crepusculo matutino entre as harmonias da natureza, e as flores choravam de prazer, como diriam os poetas, cristallinas gotas de orvalho, estrellando o prado com seus reflexos. Era tudo bello. O mar vinha tranquillamente beijar a arenosa praia em murmurios suaves, e o zephyro, mensageiro do dia, brincava entre as açucenas silvestres, cuja alvura contrastava com o limpido azul das serenas aguas, espelho da formosura do ceo.

E baldado intento querer pintar a quem não haja gozado tal espectaculo, o admiravel panorama da natureza, n'essas manhãs de festiva primavera nas margens do Mediterraneo.

A tranquillidade que alli reina desenvolve a intelligencia do homem, e faz sentir ao coração um mundo novo de innocencia, de pureza, de luz e harmonia.

E o conjuncto de todos os sentimentos pacificos, de todas as grandes sensações.

Basta de parenthesis descriptivo.

II

Existe na provincia de Alicante, e a treze kilometros da capital, uma povoação ignorada, e quasi occulta nas aguas do Mediterraneo, como a ave maritima que se mergulha nas ondas: em outro tempo chamou-se *Porto Illicitano*, e hoje, como tudo mudou, substituiu-se aquelle nome, veneravel recordação da aguia imperial romana, pelo de Santa Pola.

Constituem sua limitada população infelizes pescadores e maritimos, que tendo por berço as ondas, esperam o eterno descanço no seu harmonioso murmurio.

Assim passam a vida, entoando alegres canções, e saudando o nascimento do sol, em quanto estendem a rede aos peixes. Perguntae áquelles homens se desejam sair d'alli, e responder-vos-hão que nasceram ao languido suspirar da brisa; que o tecto da choupana onde viram a luz, e aprenderam de seus paes a louvar a Deus, abrigal-os-ha até ao derradeiro alento, se o mar respeitar as suas vidas.

Que franqueza inspiram no olhar sereno, na fronte queimada pelos raios do sol, os filhos das margens peninsulares!

Quantos desventurados mancebos, a quem a necessidade obrigou a abandonar o patrio solo, desejam voltar a elle?

Quantas mães, occultas nas sombras da noite, procuram, com os olhos fitos nas ondas, o filho ausente, que arrancado de seus braços não tornarão a ver?

III

Rosa é uma menina de quinze abris, de tez morena, olhos negros rasgados, e velados por grandes palpebras que lhe projectam nas faces uma sombra mysteriosa, quando requestada por algum moço do sitio, põe a vista no chão; os negros e assetinados cabellos dão a esta interessante creatura os sublimes rasgos da mulher do Meio-dia. O talhe esbelto, e o jovial sorriso, são o enlevo de quantos mancebos tem a povoação.

Dão-lhe o nome de Filha do Mar, porque, com verdade, é um mysterio o seu nascimento.

Quereis saber o que ácerca d'elle se sabe?

Contam que n'uma noite de inverno, em que bramiam os ventos desencadeados, e um trovão succedia a outro sem intervallo, e o mar ameaçava inundar o infeliz povo de Santa Pola, estavam em sua humilde choupana o tio Pedro, o pescador, homem que se não alterava por bagatellas, porém que em chegando estes casos implorava a clemencia divina, porque era bom e religioso; e sua mulher Theresa, que invocava Santa Barbara e San-Telmo, ajoelhada perante uma imagem da Virgem.

Entre o estridor das ondas e o estampido dos trovões, ouviu-se um gemido agudo e triste como de uma criança. Os consortes suspenderam as suas orações, e deram alguns passos para a janella.

— Ouviste, minha Theresa? — disse Pedro assombrado; — ha de ser alguma desgraça. Seja o que for, vou sair.

E tomando o chapeo, embuçou-se n'um gabão.

— Vaes sair!... A Virgem te leve a salvo; e se for algum infeliz, não permitta Deus que chegues tarde, ou sejam inuteis os teus esforços.

Pedro não se demorou um instante, e exclamando — Deus me guie! — lançou-se a correr quanto lh'o permittiam os seus sessenta annos.

Theresa, apenas o marido saiu, com os olhos arrasados de lagrimas, começou uma oração á Virgem, e com isto cobrou animo. A religião é amparo do afflicto; não ha lagrimas, por mais amargas que sejam, que com a sua doçura não mitigue; não ha dor que ella não acalme.

Passados momentos, entrou o velho Pedro com os olhos humedecidos, podendo apenas articular as palavras... — Theresa, Theresa, olha! — E apresentando um embrulho que sobraçava, mostrou uma menina de seis mezes envolta em luxuarias roupas.

— O que! Uma menina?... Infeliz!... — exclamava a pobre Theresa, procurando dar calor áquella creatura, que de certo morreria se tardasse o seu salvador.

Pedro, referiu que as ondas acabavam de arrojar á praia a canastra em que gemia aquelle anjo abandonado; e que elle estivera a ponto de ser lançado ao mar, com a sua preciosa carga, por effeito de um impetuoso furacão.

Desde aquella noite, Pedro e Theresa viveram encantados com as infantis gracinhas da menina, a quem baptisaram com o nome de Rosa.

É isto o que ácerca do seu nascimento se sabe até agora. Mais adiante talvez que cheguemos a descobrir o mysterio. Seria provavel que um naufragio levasse a menina áquellas praias.

IV

Rosa contava quinze annos, dissemos.

Pedro trabalhára quartorze por ella e por sua mulher, que frequentemente o ajudava a sustentar os dois encargos d'aquelle matrimonio abençoado por Deus.

Era bello ver, ao toque de ave-marias, o quadro que apresentava aquella boa e honrada familia.

A essa hora, todos os dias, se ajoelhavam perante a imagem da Virgem, que tantas vezes consolou a pobre Theresa e seu velho marido.

A menina, com as mãos cruzadas, orava lançando olhos de reconhecimento ás duas boas creaturas que a protegiam; e ellas encontrando os seus olhos com os do celestial anjo, choravam, e diziam-lhe:

— Roga pelos que te deram o ser, por elles é que deves rezar...

A menina tambem chorava dirigindo as suas preces ao Senhor.

Quantas vezes, sentada nos joelhos do seu avôsinho, como ella o appellidava, lhe estendia os braços pelo collo, e imprimia um beijo nas venerandas cãs de Pedro.

Os dois extremos da vida encontravam-se reunidos: a aurora e a noite; a primavera e o inverno.

Era a brisa das illusões que vinha acariciar o derradeiro instante d'aquella arvore, cujas folhas iam caindo uma por uma.

Era o presagio da eterna felicidade que o esperava na mansão dos justos.

V

Principiei dizendo que corria o mez de maio, toucado de flores, perfumado das brisas, e acalentado por noites claras e serenas, tão queridas de poetas e namorados; tive que fazer a não pequena digressão de quinze annos, para satisfazer os desejos de alguma leitora curiosa, que nem todas o são, ou de algum moderno Aristarcho.

Ha de se satisfazer a todos.

Volto, pois, á narração.

Morreu o pae adoptivo de Rosa, e sua pobre viuva não tem outro amparo senão a orphã, que trabalha para que nada falte á sua avósinha.

Muitas lagrimas custou ás duas a morte de Pedro; e não passava dia em que se não lembrassem de alguma generosa acção por elle praticada.

A casinha em que habitam, comprára-a Pedro com as suas economias, e n'ella vivem mesquinhamente as duas mulheres.

Rosa, trabalhando; e Theresa, avançada em annos e sem forças, passa os dias sentada á porta, desde que o sol despede os primeiros raios até que transpõe os montes.

Á sombra de uma parreira gozára aquella mulher as brisas da primavera, os encantos da juventude dos seus annos.

— Olha, Rosa, — disse um dia em que esta se achava a seus pés, formando um ramalhete de martyrios e cravos que apanhára no pequeno jardim da sua janella, — talvez que seja este o ultimo dia em que meus olhos vejam o mar tranquillo como o sorriso de uma criança. Talvez que esses raios de sol, que eu vejo reflectir no teu rosto, se despeçam de mim...

— Avósinha, quer que eu chore; sempre a pensar n'isso! Deus conservará os seus dias para que seja o meu consolo, o unico que tenho na terra.

Este dialogo foi interrompido por uma turba de raparigas folgazãs e bulliçosas que vinham entoando uma canção popular.

Aquellas innocentes moças vinham, sem o saber, recordar com os seus cantares, e infantil alegria, a aurora dos annos á pobre Theresa, que lentamente caminhava para a sepultura.

— Senhora Theresa, como váe de saude? — disseram algumas rodeando-a, — não correm os annos para vocemecê...

— Minhas filhas, vossês não os sentem porque principiam a contal-os; porém sobre mim vão caindo, e o seu peso inclina-me para a terra, que me chama, e a alma soltar-se-ha porque já não cabe em sua estreita prisão.

Estas palavras pronunciou Theresa vendo em roda de si, juventude, vida e illusões. Sorriu depois carinhosamente, e continuou:

— Muito cuidadosas vem... alguma coisa querem, vamos, fallem...

— Queriamos, — disse a que mais resoluta parecia, — que nos concedesse licença para que Rosa viesse em nossa companhia.

— Sim, sim, filhas, vão e divirtam-se; a Rosinha sempre encerrada, não goza dos encantos da vida.

— Eu... se minha avósinha não vier, não sáio, não a deixo... É impossivel.

— Que venha tambem, replicou a mesma que fizera a proposta.

— Em casa de minha tia Martha, que reside aqui proximo, — acrescentou a que sempre usava da palavra representando as suas amigas, — estará sentada á porta vendo-nos dançar. Não é verdade? Ora vamos... Temos baile na praça, a musica de Elche [1], charamela e tamboril... Porque dizem que se pronunciou não sei que partido... Não nos importâmos com isso; dizem-nos que é preciso dançar, e nós dançâmos e divertimo-nos. Raparigas, vamos á praça.!

— Sim, sim, — gritaram todas com enthusiasmo, — á praça, á praça!

E em quanto caminhavam, iam cantando uma canção com o accento particular do dialecto valenciano, que não podem facilmente imitar os que não forem filhos do paiz.

Rosa deu o braço á sua avósinha, caminhando contente e orgulhosa por servir de apoio á ancianidade.

Ia singelamente vestida; cabello apanhado no alto da cabeça, segundo o costume do povo, pente doirado, e apenas uma rosa branca por enfeite.

Conservava, com grande cuidado, o ramalhete que anteriormente se lhe vira nas mãos.

N'aquella tarde houve, com effeito, muito riso e folguedo no abençoado povo; repiques de sinos, musica, risos, em fim cada echo representava a alegria que entre elle reinava.

Fallemos do baile.

Que semblantes tão prazenteiros eram os dos mancebos do povo e arredores, perante aquelle encantador espectaculo.

A tarde declinava. Os sons da musica reboavam nas ondas que se espreguiçavam tranquillas, em quanto o sol ía lentamente descendo como que pezaroso de deixar tão festivos logares.

[1] Elche fica situada perto de Elda, e a 24 kilom. S. O. de Alicante, cidade de 22.000 habitantes.

O apparecimento do luar veiu completar a festa. Quão satisfeitas andavam as raparigas com os seus pares!

Rosa não dançava.

Em frente d'ella havia um moço de gentil presença, cabellos louros, branco, porém com a sombra que distingue os filhos das costas do Meio-Dia. Debaixo da estreita aba de um chapeo de palha, inclinado com descuido para a direita, brilhavam uns olhos azues fitos nos de Rosa.

Uma camisola azul e calça branca de neve, eram o seu vestuario.

— Não dançaes, primo? — disse a mesma joven a quem já conhecemos; — vejo-te pensativo... afigura-se-me que adivinhei o mysterio.

O interrogado não respondeu.

Os que estão no estado em que elle se achava, nem ouvem, nem vêem, nem entendem senão aquillo que abstrae a sua imaginação.

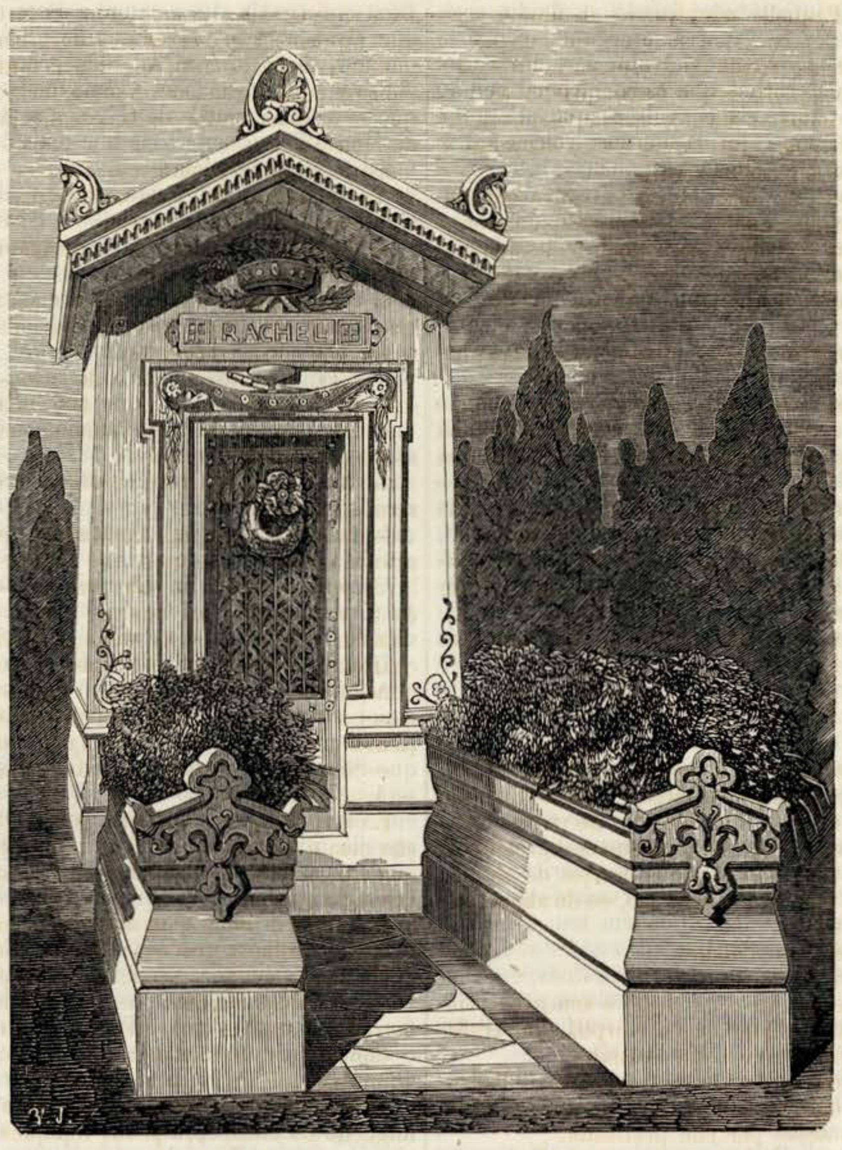
Acabou a festa, e todos se retiraram.

Occorreu, porém, um caso notavel.

Ao dirigir-se Rosa para casa, prestando apoio á avó Theresa, passou junto d'ella um mancebo, que todos diriam ser o mesmo que não ouvíra sua prima quando o interrogava. Ambos se olharam. Não era isto casual, porque succedia quasi sempre.

Rosa, porém, deixou cair o ramalhete sem querer, e Lourenço, que assim se chamava o mancebo, tambem sem querer talvez, apanhou-o, levou-o aos labios, e foi-se mui ditoso por aquelle feliz acaso.

(Continúa)




Tumulo de Rachel

A França deplora ainda a prematura morte da grande tragica d'este seculo, cujas cinzas encerra o tumulo que hoje apresentâmos, copiado da gravura recentemente publicada na *Illustration Universele*.

Figura uma capella, no estilo grego, tendo esculpidas na fachada tres coroas de oiro, sendo a do meio toda cravejada de diamantes.

Esta foi-lhe offerecida pela «Comédie Française»; a da direita pela cidade de Lyão, e a da esquerda por mad. Dorval.

No friso, por cima da porta, estão em relevo os emblemas da tragedia: uma taça e dois punhaes, postos sobre uma grinalda de perpetuas, com laços de fita e ramos de saudades.

Resáem adiante da capella dois canteiros de marmore cheios de flores.

O interior representa uma *console* de marmore

branco, e duas mesas da mesma pedra, encostadas á parede, para n'ellas se gravarem as inscripções que se hão de fazer.

O pavimento é tambem de marmore.

Tem este jazigo dez logares; dois estão já occupados, um com o ataude da grande actriz, outro com o de sua irmã Rebeca.

O desenho d'este monumento é do architecto Lemoine Benoît; e a esculptura do cinzel de Chervet.

---

## DE COMO SE FORMAM OS VOLCÕES

(Conclusão. Vid. pag. 116)

Quando n'um ponto qualquer do globo, o calor das materias inflammadas sob a crusta solida, se desaffoga com mais intensidade; quando os fluidos aeriformes, os gazes e os vapores se accumulam n'este ponto, fazem esforços mais violentos para abrir passagem através das rochas que os comprimem, então começam essas horriveis convulsões que abalam a terra, e precedem a formação dos volcões. Um ruido subterraneo annuncia a commoção interior, e a lucta do elemento igneo com as paredes da prisão que ainda o retem; logo que o ruido augmenta, a terra estremece e fende-se; os abalos são cada vez maiores, até que uma das fendas se abre com espantoso fracaço: é a cratéra que se forma, e que dá passagem livre aos fluidos que irrompem violentamente, ao fumo espesso, ás labaredas, ás lavas ardentes, e ás cinzas que se tinham formado.

Em 1538, em Baias, na costa de Napoles, houve uma erupção espantosa. Falconi, que foi testimunha ocular, exprime-se n'estes termos: Pedras e cinzas saíram d'aquella voragem com tal estrondo, que pareciam descargas de artilheria de grosso calibre. Em quatro dias, estas materias formaram uma montanha, entre o Monte-Barbaro e o lago Averno, de tres milhas de circumferencia, e quasi tão alta como o proprio Monte Barbaro. Esta nova montanha, formada em quatro dias, n'uma planicie, tomou o nome de Monte Novo.

Ha volcões que estão em erupção permanente, e outros cujas cratéras estão sempre fumegando, e d'onde a lava não jorra senão de tempos a tempos. N'este ultimo estado vemos o maior numero dos volcões actuaes, que, segundo a historia conta, só tem tido algumas erupções intervalladas por periodos de annos. É o que succede com o Vesuvio, com o Etna, e grande numero de volcões da America.

Não sómente em terra se observam d'estes phenomenos volcanicos, o mar tambem tem seus volcões, uns já apagados, outros ainda accesos. Ha numerosos exemplos de erupções submarinas, em consequencia dos quaes se tem formado muitas ilhas volcanicas, que hoje vemos como testimunhas das convulsões que as tem feito surgir das ondas.

Ainda em 1831 surdiu do mar, ao sudoéste da Sicilia, a ilha Julia; e outras ilhotas appareceram nos Açores e na America.

O mais notavel d'estes exemplos é a ilha que se formou em 1796 a umas dez legoas da ponta septentrional de Unalaska, uma das Aleotiannas. Primeiramente rompeu uma columna de fumo do seio das ondas, depois saíu ao lume d'agua um monticulo negro, de cujo vértice foi saindo com violencia um jorro de materias inflammadas. A erupção prolongou-se por muitos mezes, durante os quaes a ilha cresceu successivamente em altura e largura; pouco a pouco foi diminuindo o jorro, não havendo por fim mais que um turbilhão de fumo, o qual desappareceu quatro annos depois da primeira erupção. Todavia a ilha continuou a alargar e a subir, e actualmente se lhe vê o cóne volcanico na ponta de Unalaska.

Por estes exemplos, que podiamos multiplicar ao infinito, vê-se quaes são os diversos modos da formação dos volcões, e tambem dos cónes, mais ou menos regulares e elevados, pela sobreposição das materias que vomita a cratéra.

Em resumo, um rompimento parcial da crusta terrestre, que a erupção desloca, deve ser o primeiro efeito do phenomeno volcanico; depois sobre as bordas já alteadas da voragem entreaberta, as materias betuminosas que d'ella se derramam, accumulam-se alli, formando os cónes de erupção cuja cratéra está ordinariamente no cume.

Os principaes volcões que ha na Europa são:

O Etna, que representa a nossa estampa; este fica no cume do monte das costas da Sicilia, de altura de 4300 metros. Os antigos suppunham que o Etna era a mais alta montanha da terra; e Pindaro, que viveu no anno 449 antes de Christo, o cita como um volcão acceso. As suas erupções datam da mais remota antiguidade. A mais temivel foi a de 1689 que devastou a cidade de Catanea, e deu nascimento ao Monte-Rosso, cuja base tem mais de quarenta legoas de circumferencia!

A cratéra do Etna está sempre aberta, e constantemente abrazada; turbilhões de fumo, de escorias, de pedras e materias ardentes, vomita continuamente. Os rebordos d'esta voragem são escarpados, e rotos pelas successivas erupções.

O Vesuvio, que se eleva em fórma conica, n'uma vasta planicie, a 1200 metros sobre o mar de Napoles. Tem-se inflammado e apagado muitas vezes.

O Hecla, na Islandia, que não havia tido nenhuma erupção desde 1722, inflammou-se com tal violencia no mez de setembro de 1845, que as cinzas foram cair nas ilhas Orcades, da Escossia; e todos os navios que singravam por aquellas paragens, ficaram cobertos de uma camada de pó volcanico de muitos centimetros de altura.

Cabe agora mui bem, ser aqui recordada a vivissima pintura que o nosso João de Barros faz do volcão da ilha de Ternate, na sua *Asia*, dec. III, liv. V, cap. V.

Descrevendo as ilhas de Maluco diz:

Algumas d'estas ilhas lançam fogo no cume de sua maior altura; e o mais notavel aos nossos é o da ilha Ternate, de que sómente daremos noticia pela que houvemos de Antonio Galvão, o qual sendo capitão d'estas ilhas no anno 1538, residindo n'esta, em a fortaleza de S. João que ahi temos, quiz ir ver aquelle mysterio da natureza; porque da fortaleza viam no cume da ilha vaporar fogo, ao modo que vemos um forno de cal quando começa a cozer, sem luz alguma de dia, mas de noite era uma coisa espantosa ver as côres e faiscas de fogo e rescaldo que lançava em torno, cobrindo muita parte do arvoredo, da maneira que se elle cobre quando n'estas nossas regiões neva. Porém isto não é em todo o anno, sómente nos mezes de setembro e abril, quando o sol se muda de uma parte a outra, que passa a linha equinoccial que corta meio grau d'esta ilha, que então sopram uns ventos que lhe accendem aquelle natural fogo, na materia que lhe dá nutrimento para tantas centenas de annos.

Subido Antonio Galvão áquella altura onde viam este fogo, achou toda a coroa d'aquelle monte escaldada, e a terra d'elle fôfa, não feita em cinza, mas ligada uma á outra, e leve. E por toda aquella coroa, havia uns redemoinhos á maneira que vemos fazer a agua quando, estando estanque, lhe lançam uma pedra, que váe fazendo aquelles circos. E porém os que estavam feitos n'esta terra, eram profundos em modo de algar, a que podiam descer por aquelles degraus circulados que fazia a terra.

Contou mais Antonio Galvão, que do meio do monte para baixo tudo eram grandes arvoredos, e a terra assim fragosa e coberta d'elle, que em muitos passos, elle e os de sua companhia, subiam por cordas; e d'entre esta fraga corriam ribeiros que vinham regar o chão d'elle, como que o fogo, que andava no centro d'aquelle monte, fazia estilar e suar aquella agua. E se Plinio, quando quiz ver o outro tal fogo do monte Vesuvio, em Italia, buscára outra conjuncção como Antonio Galvão buscou, não ficára elle lá para sempre como ficou, segundo dizem.

---

## ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Vimos hoje fazer uma reparação publica, por nós, e pelos grammaticos que tem levantado um falso testimunho a Camões, dando como errada a concordancia do verbo do quarto verso da estancia 41 do canto III dos *Lusiadas*.

Deve a nossa consciencia este descargo, e o nosso poeta este desaggravo, ao douto professor do curso superior de letras, o sr. conselheiro Viale, que nos advertiu de que o solecismo provinha de se tomarem dois versos d'aquella estancia, sem se reparar que nos subsequentes estava a explicação do verdadeiro e correcto emprego do verbo.

Os dois versos que alguns grammaticos apontam para exemplo de solecismo, e que nós apontámos como tal, a pag. 69 do n. 12, são estes:

> «Que mais o persa fez n'aquella empreza,
> Onde rosto e narizes se cortava?»

Realmente, assim parece que o poeta allude a alguma empreza ou acção, onde tal barbaridade se tinha commettido. Mas lendo-se ou transcrevendo-se a oitava inteira, vê-se que o verbo é reflexivo, e da terceira pessoa do singular.

Façamos a demonstração.

Narra o poeta nas estancias 35 a 40 o acto de heroica lealdade de Egas Moniz, quando com sua mulher e filhos, de corda ao pescoço, se foi offerecer ao rei de Castella, em resgate da palavra não cumprida pelo infante D. Affonso Henriques. E depois exclama:

> Oh grão fidelidade portugueza
> De vassallo que a tanto se obrigava!
> Que mais o persa fez n'aquella empreza,
> Onde rosto e narizes se cortava?
> Do que ao grande Dario tanto pesa,
> Que, mil vezes dizendo, suspirava,
> Que mais o seu Zopyro são prezára,
> Que vinte Babylonias que tomára.

Não se ter presente o que fez aquelle persa (Zopyro) deu aso a suppor-se que ha discordancia no ultimo verbo dos dois citados versos.

O successo a que allude o poeta é o seguinte:

Tendo Dario, rei dos persas, cercado Babylonia, um seu vassallo, por nome Zopyro, vendo a difficuldade de a render, se cortou o nariz, beiços e orelhas, e assim mutilado entrou na cidade, fingindo que Dario lhe tinha feito aquillo, accusando-o de cruel e tyranno, e offerecendo-se aos de Babylonia para combater contra elle. Deram os sitiados credito a Zopyro, e o fizeram seu capitão, com cujo mando elle entregou a cidade.

Contam os historiadores que Dario, quando soube d'este sacrificio do seu vassallo, dizia muitas vezes, que antes queria o seu Zopyro são, que tomar vinte Babylonias.

Fica pois evidente, que a este logar de Camões se póde imputar escuridade, ou equivoco, sobre tudo pelo emprego do adverbio *onde*, mas não solecismo.

E nós confessâmos que o citámos sob a auctoridade do aliás insigne philologo, redactor principal do Dicc. da Acad., Pedro José da Fonseca, que traz esse exemplo no cap. dos barbarismos e solecismos, de sua Grammatica, livro mui prestadio para o estudo da lingua portugueza.

A estas reflexões devemos accrescentar uma advertencia, e é, que a maior parte das edições que temos dos *Lusiadas* estão cheias de erros que se não podem imputar ao grande poeta.

Ouçamos o que diz o fallecido academico Francisco Freire de Carvalho no prologo da edição de 1843, em 8., feita na typographia Rollandiana:

«A presente edição dos *Lusiadas*, que, de todas quantas tem apparecido até hoje, será por ventura a que reproduz o texto do poema mais conforme á pureza primitiva com que saiu da penna do seu immortal auctor, leva 108 versos corrigidos, mais ou menos essencialmente, comparada com as anteriores proximamente dadas á luz em Lisboa, na typographia Rollandiana, em um volume de 16., as quaes são copias quasi fieis da do morgado de Mattheus, impressa em Paris, no anno de 1817, e por consequencia da havida por primeira do anno de 1572

Das 108 correcções que leva a presente edição, 53 são lições com todo o escrupulo copiadas, das duas edições feitas em vida do poeta, ambas, conforme a opinião geral, do anno de 1572, a saber: 35 lições da contada por segunda, e por mais correcta do que a primeira; e 18 em que são conformes ambas as edições. Nos 55 versos restantes, designados pela marca *, encontram-se correcções, pela maior parte leves, de erros manifestos, que tem escapado á critica, aliás sã, de muitos dos editores antecedentes; erros que, não podendo ser attribuidos á grande sciencia, vasta erudição e extremado bom gosto de Luiz de Camões, quaes reluzem em todo o seu poema, entraram n'elle por incuria, talvez por ignorancia do copista do manuscripto que serviu para a impressão, ou já por negligencia dos typographos e dos revedores das duas primeiras edições.»

No fim do livro poz o laborioso critico uma tabella de 40 versos, com differentes correcções, que na sua opinião se lhes devem fazer. Bom seria que se mandassem julgar por alguma auctoridade ou corporação competente.

Portanto, é essencial escolher uma edição bem correcta, quando se houver de fazer a analyse grammatical dos *Lusiadas* que por essas escholas se costuma, sabe Deus como.

---

## SALMÃO

É este o maior e mais saboroso peixe de agua doce. Abunda nos rios da provincia do Minho, cujos salmões e salmonetes não são inferiores aos do Rheno, tão gabados e appetecidos nas mesas lautas.

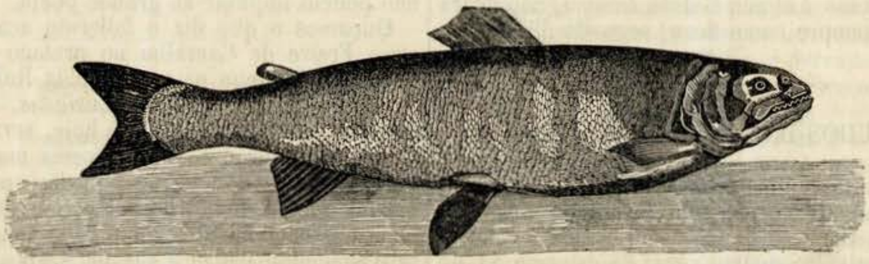
Pela sua vigorosa organisação, por seus habitos, pela delicadeza do gosto, o *salmão*, a *truta* e a *sombra*, formam um trio aristrocratico na republica dos peixes. Todos tres tem um distinctivo de raça, o qual consiste n'uma excrescencia carnosa no fim do lombo, que figura uma barbatana dorsal posterior. Todos tres irmanam, tambem, no excessivo amor ás aguas claras e correntias.

A sombra é prateada como o mugem; a truta é doirada, com salpicos vermelhos sobre cambiantes de verde e escuro. O salmão reveste-se alternativamente d'estas duas galas. A do mugem, no verão, serve-lhe de trajo de viagem; de inverno, o macho veste-se das cores da truta, com mais brilho nos reflexos metallicos, e mais viveza nas pintas de carmim.

O salmão, entre os peixes, como a gallinhola, a codorniz e outras, entre as aves, é todos os annos accommettido do invencivel desejo de viajar. Deixa o mar, e emboca pelos rios, cujas affluentes explora, para ir pôr os ovos nas correntes que se precipitam das montanhas, procurando os alfaques de areia.

O salmão pesca-se na primavera, quasi sempre de noite. É muito corajoso, não conhece obstaculos; quando a passagem das aguas está vedada, dá grandes saltos até que possa galgar a bareira que se oppõe ao seu ardor de viajar. Muitas vezes é victima d'esta audaciosa gymnastica, caindo n'alguma ponte ou ilhota, e tambem nos barcos que por alli estejam amarrados.

Ha muitos modos de pescar o salmão; e é facil de crer, que um peixe tão caro haja incitado o ho-



Salmão

mem a cogitar no melhor meio de o apanhar. Um salmão que pesa 30 a 40 arrateis (uns 13 a 18 kilogrammas), já é uma boa pescaria.

Ha porém dois modos mais usuaes de pescar o salmão: á fisga e com varias redes.

A fisga só se póde empregar nos rios de pouca agua e clara, quando o peixe dorme ao sol, perto dos vaus, fatigado de viajar.

A fisga ou arpão ata-se a uma corda comprida, que se lança ao salmão, o qual, quando recebe o golpe, dá tão impetuosa corrida para ver se derriba o seu assassino, que ás vezes o consegue.

A pesca feita com a rede ou covo á similhança do nosso camaroeiro, tal como representa a estampa, é mui commum nos rios circumvisinhos do Rheno, e nos da Suissa.



Pesca do salmão no Rheno

No sitio em que se possa formar um caneiro por onde o salmão ha de inevitavelmente passar, para vencer a corrente, cravam uma ou mais estacas mui altas, e sobre ellas atravesam uma vara, como entre nós se faz o engenho chamado *cegonha* para tirar agua dos poços. N'uma das extremidades da vara, penduram a rede que ha de mergulhar no rio; na outra um contrapeso, e uma corda a que lança mão, e se pendura o pescador, para levantar a rede quando n'ella entra o peixe.

Uma campainha que corresponde a qualquer movimento da rede, adverte o pescador, que immediatamente a suspende; mas não poucas vezes o salmão dá um pulo e evade-se.

M. Coste estabeleceu ha poucos annos, no collegio de França, uma piscina para a creação artificial de salmões e trutas, de que já démos noticia com tres gravuras dos principaes apparelhos, a pag. 164 do I volume.

No instituto agricola de Lisboa se estabeleceu tambem, o anno passado, uma d'estas piscinas, onde se tem já creado bons salmões do Rheno.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.